

das educacionais efetivas para diminuir a discrepância entre comportamento e percepção de risco.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101268>

EP-191

PERFIL DOS USUÁRIOS DA PROFILAXIA PRÉ-EXPOSIÇÃO EM UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE SERGIPE



Milena Menezes de Santana, Mariana Cunha de Sousa, João Eduardo Andrade Tavares de Aguiar, Izabella Oliveira Costa, Marcos Antônio Lima Carvalho, Barbara Rhayane Santos, Alexia Ferreira Rodrigues, Vinícius Pitanga Teles, Angela Maria da Silva, Ana Paula Lemos Vasconcelos

Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, SE, Brasil

Introdução: A Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) é mais uma ferramenta utilizada no combate e controle do vírus da imunodeficiência humana (HIV), sendo uma estratégia que necessita ter sua implantação estudada.

Objetivo: Avaliar o perfil sociodemográfico dos usuários e o motivo da busca pelo serviço de PrEP em Sergipe.

Metodologia: Trata-se de um estudo transversal e descritivo. A coleta de dados foi realizada entre abril e setembro de 2019 por meio de aplicação de questionário com os usuários do serviço de PrEP do Hospital Universitário de Sergipe. Os critérios de inclusão foram assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e indicação para uso da PrEP por conta de comportamento sexual de risco (indivíduos com comportamento de risco como usuários de drogas injetáveis, HSH, transexuais, casais sorodiscordantes, uso recorrente do PEP, desde que estivessem com sorologia negativa para HIV).

Resultados: Foram avaliados 13 usuários dos 33 pacientes que compareceram ao serviço durante o período estudado. Destes, a média de idade dos participantes foi de 33,5 anos. A maioria dos participantes (9; 69,2%) são do sexo masculino, sendo 8 (92,3%) homens e 1 (7,7%) mulher travesti. Todos eram homossexuais (9; 100%), 7 (77%) solteiros, 5 (55,5%) pardos e 8 (88,9%) estudaram por 12 anos ou mais. Quanto às pessoas do sexo feminino, 2 (50%) eram pardas e 4 (100%) tinham estudado de 8 a 11 anos. Todas se identificaram como mulheres, heterossexuais e possuíam apenas um parceiro sexual fixo, pois eram casadas (50%) ou estavam em união estável (50%). 1 (25%) estava em planejamento reprodutivo. Nenhuma das participantes era gestante.

Discussão/Conclusão:

É possível perceber a dicotomia entre os homens e mulheres. Elas são um grupo de faixa etária mais avançada, com tempo de estudo igual ou menor a 11 anos, heterossexuais com parceiros fixos HIV positivos. Em contrapartida, os homens têm faixa etária menor, mais de 12 anos de estudo e homossexuais. Os únicos estudos encontrados sobre casais sorodiscordantes foram com casais gays. Não foram encontrados estudos sobre mulheres cis usuárias de PrEP. Em relação ao perfil sociodemográfico dos usuários, esta pesquisa difere de outras no tocante à cor. No estudo do PrEP Brasil, evidenciaram

uma maior proporção de usuários brancos. Por fim, espera-se que esse estudo promova um estímulo a novas pesquisas no mesmo serviço, com a ampliação do número de usuários por meio de divulgações do serviço, e em outros locais.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101269>

EP-192

USO DA TERAPIA ANTIRRETROVIRAL EM PACIENTES HIV POSITIVOS CRITICAMENTE ENFERMOS



Gabriel Melo Ferraz Pessoa, Rebecca Azulay Martins Gondim, Allan Carlos Costa Maia, Isabele Moreno de Alencar, Mariana Férrer Moreira Ciríaco, Nadedja Lira de Queiroz Rocha, Guilherme Alves de Lima Henn, Lisandra Serra Damasceno

Centro Universitário Christus (Unichristus), Fortaleza, CE, Brasil

Introdução: Com o advento da terapia antirretroviral (TARV) houve uma diminuição da incidência de doenças associadas à aids. No entanto, internação em pacientes com infecção pelo HIV em Unidades de Terapia (UTI) continua aumentando, devido ao diagnóstico tardio da doença. Além disso, o uso de antirretrovirais em pacientes críticos é controverso, já que são poucas as informações que estão disponíveis para guiar esta terapia. O verdadeiro impacto da TARV sobre a mortalidade em pacientes de UTI ainda não foi demonstrado.

Objetivo: Avaliar o uso da TARV em pacientes HIV positivos criticamente enfermos, internados em um hospital de doenças infecciosas.

Metodologia: Realizou-se um estudo observacional de coorte, retrospectivo, de pacientes HIV positivos internados na UTI do Hospital São José de Doenças Infecciosas (HSJ), no Estado do Ceará, no período de janeiro de 2018 a janeiro de 2019. Os dados foram coletados através da revisão de prontuários.

Resultados: No período do estudo, 86 pacientes foram incluídos. A maioria era do sexo masculino (73,3%), e a mediana de idade foi de 38,5 anos (IIQ=30-49). As principais disfunções orgânicas observadas foram respiratória (85,9%), neurológica (37,2%) e cardiovascular (10,5%). Os diagnósticos mais reportados na admissão foram sepse pulmonar (51,1%), pneumocistose (34,8%), neurotoxoplasmose (30,2%), histoplasmose disseminada (18,6%) e tuberculose (10,5%); 37,2% dos pacientes já fazia uso da TARV antes da internação. Dos que tiveram o diagnóstico durante o internamento (54/86), foi iniciado TARV em 76%. O esquema mais utilizado foi tenofovir, associado com lamivudina e dolutegravir. A via mais utilizada para administração foi a sonda nasoenteral. Nos pacientes que receberam alta, não houve diferença no tempo de internação em relação a administração ou não da TARV ($p=0,16$). Naqueles que foram a óbito, os que usaram TARV na UTI permaneceram mais tempo internados ($p=0,00$).

Discussão/Conclusão: A administração de TARV nos pacientes internados na UTI deve ser individualizado. O uso de TARV na UTI não teve impacto na mortalidade, e apenas prolongou

o tempo de permanência na UTI nos pacientes que foram a óbito.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101270>

EP-193

REAÇÃO HANSÊNICA EM UM PACIENTE COM CONINFECÇÃO HIV E HANSENÍASE



Júlia Caroline A. Reis, Leanara Amaro Rocha, Rogerio Ribeiro D. Carvalho, Maiara Cristina F. Soares, Cristiane Menezes Silva, Hiarianne Gedeon B. Barroso

Centro de Medicina Tropical de Rondônia (CEMETRON), Porto Velho, RO, Brasil

Introdução: A hanseníase é uma doença infecciosa transmissível de caráter crônico, cujo agente etiológico é o *Mycobacterium leprae*. O diagnóstico é essencialmente clínico. No Brasil, em 2018, foram notificados 28.660 casos novos de hanseníase, sendo o segundo país em número de casos novos registrados no mundo. Rondônia notificou em 2018, 741 casos novos, com uma taxa de detecção média de 40,63. Sendo assim classificada como hiperendêmica (>40 casos/100.000 habitantes). Considerando que a região Norte apresenta taxa de detecção de AIDS em crescimento, a coinfeção HIV e hanseníase deve ser considerado no estado do Rondônia.

Objetivo: Relatamos uma coinfeção HIV e hanseníase que manifestou quadro de reação hansênica como síndrome inflamatória da reconstituição imune.

Metodologia: Paciente L.F.A.C., 47 anos, feminino, natural e procedente de Guajará-Mirim/RO, portadora do vírus HIV/AIDS, iniciada terapia antirretroviral (TARV), apresentando contagem de CD4 de 34. Após nove semanas de TARV, nova contagem de CD4 de 196, foi encaminhada ao Centro de Medicina Tropical de Rondônia, com placas eritematosas distribuídas por todo tegumento.

Resultados: Ao exame dermaneurológico, todas com sensibilidade térmica alteradas, exceto placa infiltrativa em hemiface esquerda compatível com reação reversa, ausente ptose e lagofalmo. Além de espessamento do nervo ulnar esquerdo e neurite radial direito. Mãos e pés reacionais. Avaliação neurológica OMP1 grau I. Foi iniciado tratamento PQT/MB e corticosteróide.

Discussão/Conclusão: Neste caso, apresentamos uma pessoa vivendo com HIV/AIDS apresentando reação hansênica tipo I (Neurite, Reação reversa e Mãos e pés reacionais). Houve reação reversa como síndrome inflamatória da reconstituição imune, situação em que os antígenos associados à infecção conhecida persistente ou não-replicantes de infecção prévia passam a ser reconhecidos. Desse modo, por se tratar de um caso grave, a paciente foi transferida a um hospital terciário para acompanhamento clínico, demonstrando que a magnitude e o alto poder incapacitante da hanseníase mantém a doença como um problema de saúde pública. A principal medida de prevenção está justamente na detecção e tratamento precoce da doença, com objetivo de prevenir deficiências e incapacidades físicas. Os pacientes acometidos por hanseníase e HIV têm direito a atendimento e tratamento gra-

tuito, de modo que o tratamento interrompe a transmissão de ambas.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101271>

EP-194

AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DOS ESTUDANTES DE MEDICINA E DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE ACERCA DA PROFILAXIA PRÉ-EXPOSIÇÃO



Milena Menezes de Santana, João Eduardo Andrade Tavares de Aguiar, Mariana Cunha de Sousa, Izabella Oliveira Costa, Vinícius Pitanga Teles, Marcos Antônio Lima Carvalho, Barbara Rhayane Santos, Alexia Ferreira Rodrigues, Angela Maria da Silva, Ana Paula Lemos Vasconcelos

Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, SE, Brasil

Introdução: A implementação do serviço da Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) é recente em Sergipe. Assim, o fornecimento de medidas que capacitem os profissionais envolvidos nesse cenário é de suma importância.

Objetivo: Avaliar o conhecimento dos estudantes de medicina e dos profissionais de saúde acerca da PrEP.

Metodologia: Trata-se de um estudo transversal e descritivo. A coleta de dados foi realizada por meio de aplicação de questionário com profissionais da saúde do serviço de PrEP do Hospital Universitário de Sergipe e acadêmicos do 8º período de medicina. Os critérios de inclusão foram assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Resultados: Dos 33 estudantes que participaram desse estudo, 100% compareceram às atividades dos ambulatórios de Infectologia. Entre eles, 3 (9,1%) afirmaram terem participado de capacitações sobre a PrEP, os demais (30; 90,9%) não participaram de nenhuma. Em relação à sessão "Sobre o PrEP": 30 (90,9%) alunos acertaram o que é a PrEP, 22 (66,7%) suas indicações, e 6 (18,2%) seus efeitos colaterais. 9 (27,3%) souberam dizer que é composto pelas drogas Tenofovir e Emtricitabina, mas 7 (21,2%) acreditavam que a composição da profilaxia era Tenofovir e Lamivudina. Os acadêmicos destacaram como pontos abordados mais importantes durante o atendimento: adesão ao tratamento, uso de preservativos e vacinação. Dos 20 profissionais de saúde, 19 (95%) souberam responder o que é PrEP, 16 (80%) suas indicações, 15 (75%) efeitos colaterais e 14 (70%) as drogas antirretrovirais que compõe a profilaxia. 13 (65%) compareceram às capacitações da equipe multidisciplinar. Dentre eles, apenas 1 (7,7%) enfermeiro não lembrava os efeitos colaterais e 1 (7,7%) técnico de enfermagem não acertou as indicações. Dos 7 (35%) profissionais que não receberam ou não compareceram ao treinamento, 4 (57,1%) eram médicos residentes, 2 (28,6%) técnicos de enfermagem e 1 (14,3%) psicólogo. Destes, 2 (28,6%) não sabiam qual era a composição, 4 (57,1%) erraram seus efeitos colaterais e 3 (42,9%) não sabiam relatar quais são os grupos de risco indicados para receber a PrEP.

Discussão/Conclusão: Nota-se que a maioria dos profissionais participou de capacitações. Por outro lado, médicos